

# Super-homem das finanças



Vice-presidente no CIC, no PSDB e no grupo Jereissati, Lima Matos assume condição de vice em casa: a mulher cuida das contas.

**E**m 86, semanas antes da posse do governador Tasso Jereissati, o Ceará era um tremendo abacaxi. Azedo, pelo rombo de um bilhão e 100 milhões de dólares. Inchado, pela existência de 140 mil funcionários. Apodrecido pela corrupção desenfreada na área fiscal. O que fazer? Tasso não perdeu tempo, chamou Lima Matos, um técnico de carreira do Banco do Nordeste, para ajudar.

Seis anos depois, em 92, o Estado não era nenhuma "ilha de prosperidade". Mas o ex-secretário da Fazenda, Lima Matos, garante que o Ceará é a única "ilha de seriedade" do Brasil. O que em tempos de CPIs e PCs, é uma descoberta para Colombo nenhum botar defeito.

A moralização nas contas cearenses é, em boa parte, resultado do trabalho da equipe comandada por Lima Matos, que é conhecido nos bastidores pela extrema austeridade e aversão à corrupção, requisitos que ainda hoje desagradam a muitos políticos e empresários do próprio "grupo das mudanças".

E como ele virou secretário? Essa pergunta apenas Tasso pode responder. Lima Matos nunca imaginou participar do Governo. Sequer conhecia Tasso Jereissati, até o dia em que foi chamado ao Palácio do Cambé. No encontro, o Governador fez o convite oficial. O futuro secretário exigiu duas garantias. Tasso concordou com os pedidos, e Lima Matos assumiu com "uma pulga atrás da orelha". Ele temia que os fisiológicos do poder obstruíssem seus planos.

O sucesso administrativo, no entanto, estimulou o apetite do atual governador Ciro Gomes, que pediu-lhe que continuasse. Ele

rejeitou. Depois de tanto tempo no poder, sentia sua verdadeira identidade sumindo. O retorno ao BNB não foi o caminho natural, pois já dispunha de tempo suficiente para requerer a aposentadoria.

Agora é o poderoso vice-presidente do Grupo Jereissati, que somente no Ceará é composto por 5 empresas. Entre elas, a Coca-Cola e o Shopping Iguatemi. São mais de 3 mil empregos diretos. O divórcio da empresa pública e o casamento com a iniciativa privada não acaba aí. Lima Matos é ainda um dos principais diretores do CIC (Centro Industrial do Ceará), berço intelectual e financeiro da chamada "Geração Ceará Melhor", comandada pela dupla Beni/Tasso.

Lima Matos confia muito nos administradores: ele mesmo fez da sua vida um todo planejado. Nunca gastou mais de 50% do salário, um hábito que mantém até hoje, mesmo quando é a mulher quem faz as contas da casa e a família tem estabilidade financeira. O excesso de trabalho acabou lhe rendendo duas ameaças de estafa e uma certa culpa em relação à família.

Na entrevista, o ex-secretário conta detalhes do "passe de mágica" usado para sanear as finanças do Estado. Mostra seu lado de cidadão, preocupado com o desenvolvimento local e consciente da necessidade de redistribuir a renda. A decepção com as infantilidades do presidente Collor, revelam um eleitor frustrado, que hoje voltaria no Lula. O grande "nó" da conversa foi explicar como a social-democracia do ex-governador Tasso Jereissati é aplicada nas empresas do grupo. Uma tarefa que Lima Matos acabou deixando incompleta.

Entrevista com o economista e vice-presidente do Grupo Tasso Jereissati, Francisco José Lima Matos, dia 01/07/92. Produção, edição e texto final: Andréa Pinheiro, Angélica Ramos e Henrique Silvestre. Participação: Andréa Pinheiro, Angélica Ramos, Rogério Norões, Henrique Silvestre, Giovana Teles, Isabela Martin, Edgard Patrício, Fernando da Escóssia, Lycia Ribeiro, Roberto Hipólito, Luciene Uchôa, Christine Viana e Clayson Martins. Foto: Jarbas Oliveira.



Lima Matos se envergonha ao contar sua trajetória de homem bem-sucedido: de estagiário do BNB a, quem sabe, deputado federal.

**Laboratório de Jornalismo** — Como foi que o senhor realizou o saneamento das finanças públicas do Estado numa época em que, segundo o próprio Tasso, o Ceará estava falido?

**Lima Matos** — A tese que eu levanto é que há sempre muitos recursos na área pública estadual ou federal; o que caracteriza a atividade pública é a abundância de recursos, não a ausência. O que falta é a discussão do aproveitamento desse valor. Existe sempre uma massa de recursos sem esforço grande; qualquer que seja a sonegação, de 50 ou 40%, mas existem os outros 40% que entram no Governo. Portanto, o Governo já tem um valor demasiado, diferente da empresa privada, onde tudo tem de ser gerado. Outra questão é que sempre há, na área pública, excesso de pessoal, e isso significa que existe gente capaz de ser selecionado, e é relativamente simples tirar desse pessoal, pessoas boas para se trabalhar. Quando nós assumimos o Estado fizemos um diagnóstico sumário e verificamos que o Estado gastava 140% das receitas com pessoal.

“O Estado não tinha credibilidade, devia aos bancos privados, bancos oficiais e bancos estrangeiros. Era uma situação caótica”

**LJ** — 140%?

**LM** — É, 140. Cem por cento da arrecadação do mês 40% da arrecadação do mês seguinte. O Estado devia um bilhão e cem milhões de dólares, tudo vencido a curto prazo; e era incapaz de pagar 50 mil dólares por mês. Tinha um banco sob intervenção, falido, com 300 mil dólares de saque a descoberto no Tesouro Nacional. Não tinha credibilidade, devia aos bancos privados, bancos oficiais e bancos estrangeiros; não sabia quanto devia nem quanto deviam a ele. Era uma situação caótica. E se você está gastando 140% de pessoal, alguma coisa está errada; uma empresa privada gasta no máximo 10, 20%. 140 é o absurdo dos absurdos. Então, nós tivemos dois trabalhos: mudar internamente o Estado; segundo convencer a sociedade disso.

**LJ** — Então foram esses dois caminhos.

**LM** — Procuramos mostrar à sociedade que isso era possível. Bai-

xamos as despesas com pessoal de 140 para 100%, e já começou a dar problema, porque a sociedade entendia que tinha que pagar mais. Quando baixamos para 90, tivemos que parar e mostrar para a sociedade que nós não podíamos gastar 90% dos recursos com 2% da sociedade, que eram os funcionários públicos. E os outros 10% ficavam para 98% da sociedade. A sociedade não entendia isso, achava que eu era uma pessoa má. E aí nós decidimos gastar com pessoal apenas o absurdo de 50% — ainda é um absurdo porque uma empresa privada gasta no máximo 10%. Definido isso, o resto vem em consequência: reduzir a folha, demitir as pessoas que não trabalham, demitir os menos adequados.

**LJ** — Quem eram os menos adequados?

**LM** — Incompetentes, colocados sem concurso, pessoas que não iam trabalhar, trabalhavam só uma vez por mês, moravam fora, trabalhavam só uma vez por ano. Por exemplo: uma vez nós tiramos todos os fiscais da Secretaria da Fazenda e botamos na Educação. Em 15 dias, tirei 5 mil pessoas que nunca tinham trabalhado, que moravam no Mato Grosso, Rio de Janeiro, São Paulo. Como é que se cadastravam os professores para o Estado, no passado? Enchia um caminhão, descia em frente à Educação, assinava o contrato e voltava para o interior. Isso foi feito ao ponto de, em um mês, se contratar 20 mil pessoas. Uma grande parte delas são inadequadas ao trabalho, não têm competência mínima. Uma professora que muitas vezes não tem sequer o 1º Grau. Na Secretaria da Fazenda, encontrei fiscais que não sabiam assinar o nome, quem assinava por ele era o motorista do caminhão.

**LJ** — E depois?

**LM** — Depois veio o choque de moralidade na Secretaria da Fazenda. Substituímos em meses 90% de todos os gerentes da Secretaria; de 17, trocamos 14 e ficamos com três. Os outros foram aposentados ou trocaram de função. Com os chefes de departamento fizemos remanejamento dentro da própria Secretaria e demos treinamento a todo mundo. Isso tudo era muito rápido, em dois meses, e foi um risco, porque gerência não se faz apressadamente. Mas tínhamos que fazer, e sempre acompanhamos o treinamento. E fizemos um vestibular com os fiscais; eles tinham que passar no teste para continuarem na função.

**LJ** — Então, antes do provão da Educação, houve o provão da Fazenda?

**LM** — Houve o provão da Secretaria da Fazenda. Desenvolvemos

um trabalho de independência dos fiscais, que está sendo feito até hoje. Passamos a implantar sistemas de computador. Por exemplo: hoje temos em computador todas as mercadorias que entram na fronteira. O meu computador central recebe e cataloga por empresa. Então, uma vez por mês tenho quanto cada empresa comprou. Quando o fiscal vai lá, ele não vai para olhar o que tem. Ele já vai sabendo a maioria dos produtos que tem lá, e eu já sei que ele sabe. Então, o fiscal vai para atestar quanto saiu daquela mercadoria. Ele não pode dizer: “Olha, não existe a mercadoria”, porque eu tenho a nota de entrada computadorizada na fronteira. Basicamente foi um tratamento de reorganização da Secretaria da Fazenda, um a redefinição de posições de Governo em termos de gastos públicos, tá certo? E uma estruturação mais lenta da área de fiscalização.

“A minha metodologia é a da empresa privada, a minha escola era de trabalhar junto à empresa privada”

**LJ** — O senhor sempre fala da necessidade de organizar o Estado como uma coisa privada. De onde vem isso, já que o senhor sempre trabalhou no BNB, uma empresa pública?

**LM** — A minha metodologia é a de empresa privada; a minha escola era de trabalhar junto à empresa privada. Cada sistema que eu tinha que implantar no BNB, eu ia saber como era feito nos bancos privados, passava seis meses com a diretoria do Bradesco. Copiei dele e aperfeiçoei. Eu falo em método privado porque é conhecido como o melhor método, mas o melhor método é aquele que permite implantar uma empresa e fazê-la funcionar. Eu acho que o público tem a obrigação de ser melhor, porque tem toda a sociedade trabalhando para ele. E eu, numa concorrência aberta com uma empresa privada, nunca perdi.

**LJ** — Quer dizer que uma empresa pública tem que ter lucro?

**LM** — Lucro é uma palavra muito grande. Que tipo de empresa?

**LJ** — O Estado.

**LM** — A palavra não é lucro, depende da empresa. Uma empresa como a Cagece, por exemplo, tem

Sério, duro, austero e incorruptível. Lima Matos faz cara de mau quando fala da sua administração na Secretaria da Fazenda.

Mudancista inclusive no uniforme, Lima Matos não esconde sua admiração, carinho e fé no seu guru político, Tasso Jereissati.



“Eu acho que o serviço público tem a obrigação de ser melhor, porque tem toda a sociedade trabalhando por ele”

que ser auto-suficiente, tem que ser lucrativa a ponto de custear a parte social que ela tem que fazer, a ponto de ter recursos para custear os mais pobres. O BEC, por exemplo, tem que ter lucro na atividade comercial, e transferir esse lucro para a atividade de fomento, de incentivo, de empréstimos.

**LJ** — Se a metologia é uma só, então a saída não é a privatização?

**LM** — Não. Acho até mais fácil trabalhar na empresa pública. O problema não é esse. Na empresa pública é simples o trabalho. O problema é a pressão. A sociedade toda em cima cobrando: seus parentes, seus amigos, seus inimigos, os jornalistas. Tem todo mundo fazendo para que seja errado, muitas vezes. Todo mundo quer que você, naquele momento que cada um vai, faça um favor.

**LJ** — Quem pedia favores? O pessoal do PSDB, do PMDB na época?

**LM** — De todos os partidos. Os mais ligados ao próprio Governo, que estavam mal acostumados. O pessoal do PMDB, que foi rompendo devagar com a gente. Pessoas de esquerda, de direita. Não há, digamos, nomenclatura. Mas, claro, quanto mais próximo do poder, mais direito você acha que tem. Isso é uma coisa superada.

**LJ** — O senhor abriu alguma exceção?

**LM** — Nunca, por questão de princípio.

“Eu acho que o Collor não estava preparado para dirigir uma nação. Ele foi um mau prefeito, um mau governador”

**LJ** — Como é que o senhor avalia, conjuntamente, o governo Collor?

**LM** — Acho que o Collor não estava preparado para dirigir uma nação. Não estava porque ele foi um mau prefeito, um mau governador, conseqüentemente, dificilmente, seria um grande presidente, independente da questão moral. Ele demonstrou ao longo da vida que era incapaz administrar áreas de um município ou Estado. Então, a passagem dele para o Governo é a passagem de uma pessoa inexperiente, com muita vontade. Ele é até um vencedor, mas que não conseguiu fazer a coisa principal: formar uma equipe. Começou errando num primeiro momento. Ele não podia ter colocado a Zélia para tomar conta de três ministérios. Ela nunca foi chefe nem de seção.

**LJ** — O senhor conhecia a ex-ministra?

**LM** — Conhecia. Ela era uma assessora do sexto escalão do Ministério da Fazenda.

“Collor não podia ter colocado a Zélia para tomar conta de três ministérios. Ela nunca foi chefe nem de seção”

**LJ** — Por que a Zélia foi elevada a um patamar tão importante no governo Collor?

**LM** — A equipe do Collor foi formada com base em amizades de pessoas inexperientes, que não compreendiam como se forma uma equipe. Como a Zélia fez amizade com o Collor? Ela montou um escritório de consultoria, estava dando assessoria aos governos de Estado. Nesse momento fez a maior amizade com o Collor. Ele disse que não queria ministro ou ministra. O Collor ia fazer tudo. Então a Zélia, a Chiquinha, a Maria ou o João, para ele, naquele momento de inexperiência, era qualquer pessoa. Ele achou que era fácil.

**LJ** — O senhor votou em quem?

**LM** — Eu votei no Collor, já no final.

**LJ** — O senhor se arrependeu?

**LM** — Não. Eu tinha consciência de que era um par ou impar. Eu acho o Lula uma pessoa mais séria, mas achava o Collor, apesar de tudo, teria o mínimo de preocupação de fazer uma administração melhor, porque teve um trei-

namento melhor. Ele era incapaz desde a Prefeitura, mas era melhor do que o Lula, que não tinha experiência administrativa.

**LJ** — Se o senhor tivesse de escolher entre Lula e Collor novamente, em quem votaria?

**LM** — Vale morrer? (risos) Hoje eu escolheria o Lula.

**LJ** — Que critérios devem orientar a escolha de uma equipe? E qual foi o critério para a sua escolha como secretário?

**LM** — Acho que o primeiro critério é a confiança; não quer dizer que tem que ser amigo, mas é necessário haver confiança. Depois, é preciso que seja uma pessoa com um razoável grau de competência. Não precisa conhecer tudo do serviço, mas precisa ter noção da gestão. O Tasso nem me conhecia. Eu era responsável pelo setor do FINOR do BNB, e não era uma pessoa muito simpática entre os empresários. Quando foi eleito, o Tasso me chamou para compor a equipe que iria estudar as finanças do Estado. Quatro dias depois, ele disse que eu era o secretário. Isso me surpreendeu porque eu era um técnico do BNB, comecei lá aos 14 anos, como estagiário, e depois tive treinamento na área financeira. Enfim, eu não quis ser secretário.

**LJ** — Sendo alguém que começou a trabalhar com 14 anos, houve algum preconceito na integração com pessoas e empresários que nasceram em berço de ouro, como Tasso Jereissati?

**LM** — Eu me considero um legítimo representante do povo; o papai era comerciante, de Itapajé, e dono de um frigorífico ali na Conde D'Eu. A mamãe era de Capistrano. Enfim, eu sou filho dessa antiga classe de comerciantes entre pobres e médios; mas o papai se esforçou muito para dar educação à gente. No momento em que fui trabalhar com esse grupo, eu já tinha um nível de relacionamento capaz de conviver com essas pessoas. Como era executivo do banco, e convivia com empresários do Ceará e do Brasil, eu não tive dificuldades para conviver com eles. Ao mesmo tempo eu mantive o meu estilo de vida, continuei jogando meu futebol, indo à minha praia, tomando as minhas bebidas nos lugares simples que frequento até hoje.

**LJ** — O ex-governador Tasso Jereissati aplica a social-democracia nas empresas dele?

**LM** — (Silêncio) É uma questão complicada de dizer. (Silêncio) Aplicar a social-democracia no Brasil de hoje, na empresa diretamente, isoladamente, é uma questão bem complexa. Mas caminhamos para isso. Não temos sua totalidade, mas temos alguns conceitos que caminham para isso. Como, por exemplo, há uma

• Para Lima Matos a briga dos irmãos Collor é uma vergonha. Quanto à briga Jereissati/Queiroz, nada a declarar.

• Apesar da fama de ser pontual, Lima Matos chegou 50 minutos atrasado para a entrevista. Estava jogando tênis.

• Mede as palavras ao falar do pacto de cooperação entre governo e empresários: fecha os olhos, respira fundo e pensa.



"Esse é um assunto delicado; essa é uma questão complexa; não estou a par do assunto". Matos foge quando encurralado.

preocupação de manter os empregados na empresa. Depois, há a preocupação com assistência social. Somos uma das poucas empresas que têm assistência médica própria. Estamos evitando, ao máximo, as demissões. Mesmo com essa recessão profunda, não demitimos ninguém, praticamente.

**LJ — Os empregados participam dos lucros das empresas?**

**LM —** Não, não. Essa discussão sobre o lucro é muito complexa. Você tem que trabalhar o seguinte: se a empresa está crescendo, está aumentando o salário das pessoas.

**LJ — Qual o menor salário?**

**LM —** O mínimo.

**LJ — E o maior?**

**LM —** Impublicável. (risos)

**LJ — Nós temos uma declaração de uma entrevista, onde o senhor afirma que o empresariado precisa pagar mais ao empregado, que a primeira coisa é distribuir o lucro. Isso é um aposição do Lima Matos administrando a coisa pública? Na empresa privada a coisa muda?**

**LM —** (risos) Tá bem colocada a pergunta. Deixa eu tentar separar. Acho que o empresário deve distribuir o lucro com o funcionário. Do lucro potencial ideal que a empresa esteja faturando, sim, quanto mais você distribuir, melhor. Mas essa questão do lucro contábil é trabalhada como você deseja para empresa. Então fica difícil dizer: vou dar tantos por cento de lucro.

**“Eu tive dois começos de estafa, sofri uma pressão violenta porque a sociedade cobra demais”**

**LJ — Se o senhor fosse convidado novamente para participar do Governo, o senhor aceitaria?**

**LM —** Eu fui e não aceitei. Fui de novo e não aceitei, porque foi um sofrimento muito grande. Foi bom, mais eu tive dois começos de estafa, sofri uma pressão violenta, porque a sociedade cobra demais. Eu achava que devia, terminado o Governo, passar uma fase fora. Eu podia ter sido candidato a deputado federal, e tinha condição de ser eleito, mas não fui porque decidi não usar nada do que tinha feito para me promover. Eu queria terminar o período e me conhecer de novo do lado de fora. Se

continuasse me perpetuava no processo, passava a não me conhecer mais, passava a ser outra pessoa. O Ciro me convidou e eu disse que naquele momento não. Daqui a três, quatro anos, pode ser.

**LJ — O senhor está usando listas (camisas-padrão dos políticos do PSDB cearense. Moda lançada por Ciro Gomes, na campanha para prefeito de Fortaleza). Está pensando em entrar no PSDB e se candidatar?**

**LM —** Eu sou do PSDB; sou vice-presidente do partido. Posso me candidatar a qualquer coisa. Mas hoje não. Eu pretendo passar quatro anos na área empresarial. Depois posso voltar, porque gosto da política, gosto do PSDB. Mas agora quero me afastar, estava desgastado, começando a esquecer de mim mesmo.

**“Eu sou do PSDB, sou vice-presidente do partido. Posso me candidatar a qualquer coisa, mas hoje não”**

**LJ — O senhor falou mais de uma vez em reestruturação partidária, em partidos fortes. Qual a sua visão sobre o processo que envolve o PSDB do Ceará com os chamados partidos de aluguel? Partidos pequenos que recebem candidatos ligados ao Governo? A política é dinâmica? (a última frase é de autoria do ex-governador Gonzaga Mota, adversário político de Lima Matos).**

**LM —** (Silêncio) Acho que hoje nós ainda não temos partidos. Acho que estamos trabalhando, ainda, em cima de pessoas. O Tasso, o Ciro, o Collor, e não em cima de partidos. Lamento profundamente não termos a questão partidária. Devemos ter cinco ou seis partidos, para que possamos trabalhar a sociedade para escolher o caminho adequado. Então, hoje, trocar ou não um partido, usar ou não um partido, como? Se não existe nenhum.

**LJ — Mas o senhor aprova ou desaprova a prática do PSDB?**

**LM —** Eu não tenho conhecimento desse processo. Eu não estou acompanhando. Eu acho errado, estou meio afastado da parte política, mas se tem alguém mudando de partido só por vantagem política, está errado. É difícil fazer um acompanhamento e decidir o que é correto se os próprios partidos não têm ideologia definida.

**LJ — Quando é que se vai começar a discutir isso?**

**LM —** Eu acho que até agora. Se você quiser a gente forma uma comissão e vai falar com o Ciro para ele não fazer mais isso.

**LJ — Como é que o senhor, tendo trabalhado em banco a vida toda, chegou a ser vice-presidente do CIC sem ser empresário?**

**LM —** Eu sempre trabalhei com empresários, porque era ligado ao Finor. Depois, como secretário da Fazenda, me reunia com todas as associações de empresários. Depois, quando me tornei vice-presidente do grupo do Tasso, e já tinha um conhecimento muito grande da classe, eles acacharam que eu poderia contribuir e estou achando a experiência muito gratificante.

**LJ — O que é o pacto de cooperação entre os empresários cearenses e o governo? O senhor não teme que o pacto caia no destino dos outros pactos realizados no Brasil, que é o fracasso e o descrédito?**

**LM —** Eu sou um homem de boa fé. Acredito muito naquela história de fazer o bem sem olhar a quem. O pacto é uma análise da nossa potencialidade para saber o que a sociedade pode fazer por ela mesma só por estar junta, havendo um salto de qualidade. Até pelo egoísmo, pelo associativismo puro, sem pensar na sociedade, é importante fazer o pacto.

O Pacto visa abrir os olhos para necessidade de produzir o algodão e o tecido aqui. Um susto para vocês: o dinheiro que sobra dos cearenses é usado para financiar Rio e São Paulo. Nós compramos os títulos da dívida pública de São Paulo, e o dinheiro vai para lá. O pacto atenta para a necessidade de comprar os títulos do Ceará, para investir em um projeto importante para o Ceará.

**“Eu sou um homem de boa fé. Acredito muito naquela história de fazer o bem sem olhar a quem”**

**LJ — No final, quem vai estar mais rico?**

**LM —** Na hora em que você gera emprego, mais empresas, mais renda, o Estado fica mais rico. Como desconcentrar essa renda é uma outra etapa; eu acho que é preciso criar mais empresas com melhores salários. Mas primeiro é preciso abrir novas empresas, porque você não pode dividir o que não existe.

Com ar de professor, Lima Matos trouxe para entrevista relatórios e folheters explicando o trabalho dele no governo Jereissati.

Nem mesmo o fato de defender maiores salários para os trabalhadores, encoraja Lima Matos a revelar quanto ganha.



Ao falar de futebol, Lima Matos relaxa, sorri e se confessa duro no jogo. Na política também não seria diferente.

**LJ** — É crescer o bolo para depois dividir?

**LM** — Pode ser. O que não se pode é criar um Estado só com micro-empresas, porque você não cresce. As pequenas empresas vivem ao redor das grandes.

**LJ** — O Ceará é uma ilha de prosperidade?

“Eu não vim aqui defender o Governo, mas essa questão me entusiasma. O Ceará é uma ilha de seriedade”

**LM** — Eu não vim aqui defender o Governo, mas essa questão me entusiasma, como no exemplo da redução da mortalidade infantil. O Ceará é uma ilha de seriedade. A arrecadação de impostos tem crescido vertiginosamente e, em pouco tempo, o Ceará tende a ser um Estado melhor do que Pernambuco e, mais tarde, chegar até a Bahia. Nós estamos recebendo, por exemplo, empréstimo do Banco Mundial que o Brasil não recebe, e isso pode mudar o Ceará.

**LJ** — Mudar o Ceará independente do Brasil?

**LM** — Pode sim. O Brasil não atrapalhando, o Ceará vai crescer bastante.

**LJ** — O senhor também é austero ao administrar sua renda?

**LM** — Eu planejei muito a minha vida. Planejei a época que deveria casar, por exemplo. Achava que a idade ideal era 28 anos. Depois adiei um pouco mais, casei com 33, quase 34. Eu achava que devia brincar à vontade, me divertir bastante, para depois não querer estar arrependido, mudando de mulher todo dia.

**LJ** — Não se arrependeu?

**LM** — Não, não. Acho que escolhi a mulher ótima. Defini um patamar: até 30 anos teria uma austeridade máxima, estava formando minha poupança base. Quando casasse teria casa e condições de não estar preocupado com as fi-

nanças, ao ponto de ser independente. Aos 35 anos achei que era outro patamar. Ai comecei a me liberar um pouco mais. Aos 40, me liberei muito mais. Hoje, a minha mulher controla todas as despesas. Tenho a obrigação de me liberar mais, não quero ficar com 70, 80 anos, cheio de dinheiro, sem ter feito um bocado de besteira.

**LJ** — O senhor militou em algum partido ou sindicato antes do PSDB?

**LM** — Não, não. Eu comecei muito cedo no banco, tinha que trabalhar. Eu trabalhava de manhã e à tarde, e depois ia para o colégio. Depois, na faculdade, eu às vezes cancelava a faculdade por causa do banco, trabalhava sábado e domingo. Eu não tinha muito tempo, ainda tinha que namorar, tinha que jogar bola...

“Tenho a obrigação de me liberar mais, não quero ficar com 70, 80 anos, cheio de dinheiro, sem ter feito um bocado de besteira”

**LJ** — O senhor ainda joga?

**LM** — Todo dia. Segunda, quarta e sexta, às cinco e meia da manhã, terça à noite e sábado à tarde. E ainda joguei tênis agora ao meio-dia antes de vir para cá. (risos)

**LJ** — É duro no jogo também?

**LM** — Mais ou menos. (risos)

**LJ** — Sempre determinado, duro, austero, não existe espaço para a sensibilidade?

**LM** — Eu me acho muito sensível, muito emotivo. Eu sou obrigado, no relacionamento, a transparecer essa dureza. Se num trabalho como a Secretaria da Fazenda, você amolecer, você sofrerá uma pressão muito mais forte. Por isso que eu sofri muito na secretaria. Eu me apego muito às coisas. Chorei muito quando saí do banco e chorei quando saí da Secretaria da Fa-

“Eu me acho sensível, muito emotivo. Eu sou obrigado, no relacionamento, a transparecer essa dureza”

zenda. Por isso, tudo para mim é muito mais duro, tanto negar como conceder.

**LJ** — O senhor disse que é muito família, muito sensível...

**LM** — Ai é que está. Eu não me acho muito família não. Acho que é uma falha minha, a pouca dedicação ao lado familiar. Eu deveria me dedicar mais à família.

**LJ** — A briga de Tasso Jereissati com a família Queiroz tem a ver com a briga dos irmãos Collor?

**LM** — (pausa) Veja bem: eu gosto muito do Tasso, me relaciono bem com ele, mas não acompanho essas discussões sobre esse tipo de coisa. Então eu não posso dar opinião. Não conversei com o Tasso sobre isso. Não tenho informações, só gosto de dar opinião sobre o que conheço.

**LJ** — E o caso Collor?

**LM** — Eu acho que o presidente tem que evitar ao máximo essas injunções familiares na esfera de Governo.

**LJ** — O senhor acredita no resultado dessa CPI? O que o senhor acha da sugestão do “impeachment” ou renúncia do presidente?

**LM** — eu não conheço em profundidade o vice, mas aparentemente ele não é também um bom governante, e que tem um temperamento impulsivo, e com alguns comportamentos que dizem (veja bem, dizem, eu não conheço) dizem não ser muito adequados. Acho que é preciso tentar contornar um pouco mais essa situação. A mudança gora, para um vice que pensa diametralmente oposto, pode levar o País a um processo de hiperinflação, numa situação muito delicada.

Apesar do estilo sério e compenetrado, Lima Matos não dispensa a valdade: bigode bem aparado e roupa impecável.

Descontraído, Lima Matos brinca com a dedicação exclusiva ao trabalho: “Tenho medo até da minha esposa me abandonar”.